

# O Evangelho segundo o Espiritismo



*Allan Kardec*

## CAPÍTULO XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire

## O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXIV)

### Índice

<b>Capítulo XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire</b>	03
<b>Candeia sobre o alqueire. Por que fala Jesus por parábolas</b>	03
<b>Parábolas</b>	05
<b>Cair em si</b>	07
<b>As parábolas e a sua interpretação</b>	10
<b>Não vades ter com os gentios</b>	12
<b>Os discípulos</b>	13
<b>Podemos fazer prosélitos?     O que Kardec fala a respeito</b>	15
<b>Não são os que gozam de saúde que precisam de médico</b>	17
<b>Os são não precisam de médico</b>	18
<b>Jesus, Mestre dos mestres e médico das almas</b>	20
<b>O raio de luz</b>	21
<b>Coragem da fé</b>	22
<b>Coragem da fé</b>	23
<b>A coragem e a responsabilidade de quem tem fé</b>	26
<b>Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á</b>	28
<b>A cruz nossa de cada dia</b>	29
<b>Nunca perca a esperança</b>	31
<b>Simão, o Cireneu – a cruz em nossas vidas</b>	32

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec**  
**Capítulo XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire**

**1. Candeia sobre o alqueire. Por que fala Jesus por parábolas**

1. Ninguém acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire; põe-na, ao contrário, sobre o candeeiro, a fim de que ilumine a todos os que estão na casa.  
(Mateus, 5:15.)

2. Ninguém há que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso, ou a ponha debaixo da cama; põe-na sobre o candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz; pois nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido e de aparecer publicamente. (Lucas, 8:16 e 17.)

3. Aproximando-se, disseram-lhe os discípulos: “Por que lhes falas por parábolas?”  
— Respondendo-lhes, disse Ele: “É porque a vós outros foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus; mas, a eles, isso não lhes foi dado. Porque àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Falo-lhes por parábolas, porque, vendo, não veem e, ouvindo, não escutam e não compreendem. E neles se cumprirá a profecia de Isaías, que diz: ‘Ouvireis com os vossos ouvidos, e não escutareis; olhareis com os vossos olhos, e não vereis. Porque, o coração deste povo se tornou pesado, e seus ouvidos se tornaram surdos e fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, para que seu coração não compreenda e para que, tendo-se convertido, Eu não os cure.’”  
(Mateus, 13:10 a 15.)

4. É de causar admiração diga Jesus que a luz não deve ser colocada debaixo do alqueire, quando Ele próprio constantemente oculta o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que nem todos podem compreender.

Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: “Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Fora, pois, inútil tudo dizer-lhes, por enquanto. Digo-o, porém, a vós, porque dado vos foi compreender estes mistérios.” Procedia, portanto, com o povo, como se faz com crianças cujas ideias ainda se não desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem a possam ver.” Tal sentença não significa que se deva revelar inconsideradamente todas as coisas.

Todo ensinamento deve ser proporcionado à inteligência daquele a quem se queira instruir, porquanto há pessoas a quem uma luz por demais, viva deslumbraria, sem as esclarecer.

Dá-se com os homens, em geral, o que se dá em particular com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua maturidade.

Cada coisa tem de vir na época própria; a semente lançada à terra, fora da estação, não germina; mas o que a prudência manda calar, momentaneamente, cedo ou tarde será descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; pesa-lhes a obscuridade. Tendo-lhes Deus outorgado a inteligência para compreenderem e se guiarem por entre as coisas da Terra e do céu, eles tratam de raciocinar sobre sua fé. É então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, visto que, sem a luz da razão, desfalece a fé.  
(Cap. XIX, item 7.)

5. Se, pois, em sua providente sabedoria, a Providência só gradualmente revela as verdades, é claro que as desvenda à proporção que a Humanidade se vai mostrando amadurecida para as receber. Ela [a Providência] as mantém de reserva, e não sob o alqueire. Os homens, porém, que entram a possuí-las, quase sempre as ocultam do vulgo com o intento de o dominarem. São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. É por isso que todas as

religiões têm tido seus mistérios, cujo exame proíbem. Todavia, ao passo que essas religiões iam ficando para trás, a Ciência e a inteligência avançaram e romperam o véu misterioso. Havendo-se tornado adulto, o vulgo entendeu de penetrar o fundo das coisas e eliminou de sua fé o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos e Jesus está com a razão quando diz que nada há secreto que não venha a ser conhecido. Tudo o que se acha oculto será descoberto um dia e o que o homem ainda não pode compreender lhe será sucessivamente desvendado, em mundos mais adiantados, quando se houver purificado. Aqui na Terra, ele ainda se encontra em pleno nevoeiro.

6. Pergunta-se: que proveito podia o povo tirar dessa multidão de parábolas, cujo sentido se lhe conservava impenetrável? É de notar-se que Jesus somente se exprimiu por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas da sua doutrina. Tendo feito, porém, da caridade para com o próximo e da humildade, condições básicas da salvação, tudo o que disse a esse respeito é inteiramente claro, explícito e sem ambiguidade alguma. Assim devia ser, porque era a regra de conduta, regra que todos tinham de compreender para poderem observá-la. Era o essencial para a multidão ignorante, à qual Ele se limitava a dizer: “Eis o que é preciso se faça para ganhar o Reino dos Céus.” Sobre as outras partes, apenas aos discípulos desenvolvia o seu pensamento.

Por serem eles mais adiantados, moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los no conhecimento de verdades mais abstratas. Daí o haver dito: Aos que já têm, ainda mais se dará. (Cap. XVIII, item 15.)

Entretanto, mesmo com os apóstolos, conservou-se impreciso acerca de muitos pontos, cuja completa inteligência ficava reservada a ulteriores tempos. Foram esses pontos que deram ensejo a tão diversas interpretações, até que a Ciência, de um lado, e o Espiritismo, de outro, revelassem as novas Leis da Natureza, que lhes tornaram perceptível o verdadeiro sentido.

7. O Espiritismo, hoje, projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência se conduzem os Espíritos, ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da Doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade. Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; houvera mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno. Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra, e aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra.

**Especial**

Nº 419 – 21/06/2015

O Consolador

**I. Candeia sobre o alqueire.**

**Por que fala Jesus por parábolas**

**Parábolas**

Aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: “Por que lhes falas por parábolas?” — Respondendo, disse-lhes Ele: “É porque, a vós outros, vos foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, ao passo que a eles isso não foi dado.

Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada veem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem.”

Neles (nos mistérios do Reino dos Céus) se cumpre a profecia de Isaías, quando diz:

“Ouvireis com os vossos ouvidos e nada entenderéis; olhareis com os vossos olhos e nada vereis.”

(Mateus, 13:10 a 14.)

As parábolas são, como sabemos, narrações alegóricas em que o conjunto de elementos evoca, por meio de comparação, outras realidades.

Jesus valia-se com frequência de parábolas, que se contam em grande número e foram objeto de comentários diversos e de obras importantes, como Parábolas e Ensinos de Jesus, de Cairbar Schutel, e Histórias que Jesus Contou, de Clóvis Tavares, entre muitas outras.

Por meio delas é possível tomar contato, de maneira mais fácil, com o pensamento de Jesus acerca dos mais diferentes temas.

Dias atrás discutia-se numa roda de amigos espíritas uma questão que tem sido frequente em nosso meio: a deserção de companheiros que iniciam mas não levam à frente a tarefa assumida na instituição espírita. A pessoa chega a uma Casa Espírita, entusiasma-se com o que vê, engaja-se nesse ou naquele trabalho, mas, de repente, desaparece e poucos ficam sabendo o que, de fato, aconteceu.

A deserção – vocábulo que Allan Kardec utilizou em situações semelhantes – é algo também, como sabemos, muito comum nas famílias espíritas. Os jovens nascidos em lar espírita, com as exceções de praxe, permanecem nas lides espíritas até certa idade, mas poucos aí continuam quando ingressam na vida acadêmica.

Embora tenha estado entre nós há mais de 2.000 anos, Jesus, por incrível que possa parecer, aludiu a esse fato em uma conhecida parábola que o apóstolo Mateus registrou no cap. XIII de suas anotações.

Vejamo-la:

Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; em torno dele logo reuniu-se grande multidão, de gente; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:

– Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram.

Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram.

Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

(Mateus, cap. XIII, vv. 1 a 9.)

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Parece que os companheiros de Jesus não entenderam bem a parábola e o Mestre, então, a explicou:

Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. Quem quer que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Em sobrevivendo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda.

Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas, em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera.

Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um.

(Mateus, cap. XIII, vv. 18 a 23.)

Allan Kardec teceu sobre o ensinamento acima os seguintes comentários:

“A parábola do semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá!

Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias de espíritas. Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos?

Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram?

Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios?

Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?”

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 6.)

Em face de lições tão claras, não é preciso acrescentar, mais nada aos que desertam dos compromissos que assumiram, exceto um aviso que Abel Gomes nos enviou pelas mãos de Chico Xavier, publicado no livro Falando à Terra, pág. 67: “À maneira que nos desenvolvemos em sabedoria e amor, consideramos a perda dos minutos como sendo a mais lastimável e ruína de todas.”

**Crônicas e Artigos**

Nº 252 – 18/03/2012

O Consolador - (Alessandro Vieira de Paula)

**I. Candeia sobre o alqueire.**

**Por que fala Jesus por parábolas**

**Cair em si**

Inegavelmente, as parábolas de Jesus são um manancial de aprendizado e beleza, porquanto são narrativas simples, mas de conteúdos espiritual e moral inigualáveis, sendo que permitem ao leitor ou ao ouvinte a identificação espontânea com o sentido ético da lição.

Jesus raramente apontava os erros individuais, pois sabe que o ego possui mecanismos automáticos de defesa, dentre eles, a negação, de tal sorte que, com as parábolas, facultava à criatura humana, de acordo com seu nível de maturidade, o reconhecimento e a análise de seus desvios morais e equívocos existenciais.

Dentre as parábolas narradas no evangelho, destaco a do filho pródigo, porque representa a síntese da evolução espiritual, permitindo-nos uma profunda reflexão a respeito de como anda a nossa atual existência física.

A benfeitora Joanna de Ângelis, na obra “Em Busca da Verdade”, pela lavra mediúnica do confrade Divaldo Pereira Franco, escreve sobre a referida parábola, dando-nos diversos enfoques sobre a conduta de cada personagem, tornando a parábola ainda mais rica e bela de ensinamentos. Fica registrada a sugestão para a leitura da obra mencionada.

A parábola expõe o momento em que o filho pródigo, imaturo e impulsivo, opta por sair da casa do genitor para viajar a um país longínquo, onde gasta sua parte da herança com levandades e prazeres materiais. Após consumir-se nas paixões e gastar todo seu recurso econômico, vê-se diante de um período de fome que se instalara naquela região. Privado de tudo e passando necessidades, começa a trabalhar com porcos, vindo a disputar a comida com eles. Porém, chega o momento em que o filho pródigo **cai em si** e retorna à casa do pai, onde é acolhido com imensa ternura e amor.

Essa parábola explica claramente o processo do deotropismo, isto é, fomos criados por Deus, portanto, saímos “das suas mãos”, mas, por imaturidade e ignorância, perdemo-nos na estrada da evolução e afastamo-nos dEle, até o momento em que, extenuados pelo sofrimento e famintos de amor e conhecimento, caímos em nós e optamos por voltar à casa do Pai Celestial, que, generoso e confiante, sempre nos aguardava.

Cair em nós significa o exato momento em que ocorre o despertar da consciência.

A consciência desperta quando identificamos que somos Espíritos imortais a caminho da plenitude e que a vida no corpo tem um sentido ético, devendo abranger o crescimento intelecto moral.

Obviamente que é o primeiro passo na direção de regresso a Deus, pois outros desafios evolutivos surgirão, tais como, libertar-se dos conflitos cultivados, harmonizar o eixo ego-self, eliminar os defeitos morais e converter o despertar da consciência em atitudes renovadas sob a égide do amor.

No capítulo quarto da citada obra, Joanna de Ângelis compara o despertar da consciência com o mito da expulsão do paraíso.

Enquanto vivemos, simbolicamente, no jardim do Éden, o ego (carga de egoísmo presente no inconsciente, fruto da evolução nos reinos inferiores da criação) toma todo o espaço do Self (ser

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

espiritual que contém o germe divino para a plenitude), gerando uma vida materialista, de acomodação e deleite. Era a conduta do filho pródigo, cuja consciência ainda estava adormecida.

Notemos que Adão e Eva não trabalhavam, porque o necessário para as suas sobrevivências estava à disposição no Éden. Todavia, após comerem o fruto da árvore proibida (mito), foram expulsos do paraíso, e Deus condenou Adão ao trabalho.

A partir dessa ocorrência, Adão passa a descobrir o valor do trabalho e do esforço, na medida em que tudo o que necessita passa a ser fruto do merecimento, portanto, há o despertar da consciência.

Assim ocorre conosco. Quando os ensinamentos de Jesus preenchem os vazios da alma, passamos a trabalhar em favor do nosso crescimento espiritual, na busca dos valores imperecíveis que dignificam a nossa vida. Na simbologia de Joanna de Ângelis, passamos a ser um novo Adão, isto é, um homem novo, com ideais bem definidos, procurando mais servir do que ser servido.

Caímos em nós e redefinimos o rumo de nossa vida como ser imortal destinado à plenitude, porque começamos a regressar à Casa do Pai, nesse processo de integração com o Arquétipo Primordial, razão pela qual Jesus disse que Ele e o Pai eram um só (perfeita integração).

Paulo de Tarso, ao cair em si, verbalizou “já não sou eu que vivo, mas é o Cristo que vive em mim”, porque integrou-se com o pensamento de Jesus e, por consequência, de Deus.

Anote-se que ao cair em si é natural que surjam as culpas, que, do ponto de vista psicológico, é produtiva desde que bem direcionada.

Joanna de Ângelis fala do “Eu Angélico” (recursos divinos em nossa intimidade), que estimula a culpa, pois a presença desta é sinal de instalação do despertar da consciência, que nos aponta o certo e o errado, o bem e o mal proceder.

Diante da presença da culpa, cabe-nos não repetir o erro e reparar o mal causado, se possível. Caso não seja, basta fazer o bem em favor de alguém ou da vida, porquanto a ação fraterna é ponto positivo na contabilidade divina a anular ou amenizar o mal causado – (o amor cobre a multidão de pecados – Simão Pedro).

À medida que vamos evoluindo, aproximamo-nos cada vez mais de Deus, tornamo-nos mais livres e felizes, uma vez que começamos a superar os impulsos inferiores e as tendências agressivas, bem como não permitiremos que o mal dos maus nos atinjam. Isto é ser livre. Não permitir que os outros afetem a serenidade interior conquistada a partir do cair em si.

O Espírito de Joanna de Ângelis ainda nos apresenta Jesus como sendo o filho pródigo do amor, haja vista que se afastou das regiões celestes (Casa do Pai) e foi para o país longínquo da matéria densa, vivendo com a ralé (pigmeus morais – simbologia do porco na parábola). Ensinou a criatura humana a dissipar a sombra individual, mas foi incompreendido e crucificado, voltando, rico de bênçãos, à Casa do Pai.

Todavia, seus ensinamentos permanecem como lições vivas de esperança e júbilo, tendo suas parábolas, contribuindo para esse cenário, auxiliando-nos no processo inevitável do cair em si, com o escopo de renovação moral.

Para os espíritas, cujo despertar da consciência foi mais intenso em virtude dos conhecimentos amalhados a partir do Espiritismo, percebemos que o cair em si se dará diante dos mínimos erros, porque a consciência, de imediato, apontará que não procedemos conforme deveríamos.



## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

O Espírito de Bezerra de Menezes fala-nos sobre o ousar no bem, dar um passo além, de forma que o verdadeiro cristão, por ter caído em si, sabe que pode fazer mais em favor do amor e da paz, sobretudo, dulcificando a própria conduta.

Frise-se que o processo do cair em si não é um episódio único, mas inicia-se com o despertar da consciência, cuja extensão vai se ampliando na exata proporção do nosso esforço em favor da busca do conhecimento e da vivência do amor. “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” dos equívocos, da ignorância. Naturalmente, chegará um momento da evolução em que não mais precisaremos cair em nós, pois a consciência e a conduta estarão perfeitamente afinadas com as diretrizes do evangelho.

O tema e a parábola em questão são profundos, de forma que caberiam outros apontamentos, mas fica o convite para o autoencontro, cientes de que o Pai Generoso nos aguarda sempre, amoroso e gentil, cabendo a cada um de nós apressar esse retorno, sobretudo pelas escolhas acertadas e por uma vida pautada pela pureza de coração. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”.

**Parábolas e ensinios de Jesus**  
(Cairbar Schutel)

**I. Candeia sobre o alqueire.**  
**Por que fala Jesus por parábolas**

### **As parábolas e suas interpretações**

Na acepção geral do termo, parábola é uma narrativa que tem, por fim, transmitir verdades indispensáveis de serem compreendidas.

As Parábolas dos Evangelhos são alegorias que contêm preceitos de moral.

O emprego contínuo, que durante o seu ministério Jesus fez das parábolas, tinha por fim, esclarecer melhor, seus ensinios, mediante comparações do que pretendia dizer com o que ocorre na vida comum e com os interesses terrenos. Sugeria, assim, o Mestre, figuras e quadros das ocorrências cotidianas, para facilitar mais aos seus discípulos, por esse método comparativo, a compreensão das coisas espirituais.

Aos que o ouviam ansiosamente, procurando compreender seus discursos, a parábola tornava-se-lhes excelente meio elucidativo dos temas e das dissertações do Grande Pregador.

Mas os que não buscavam na parábola a figura que compara, a alegoria que representa a ideia espiritual, e se prendiam à forma, desprezando o fundo, para estes a Doutrina nem sequer aparecia, mas conservava-se oculta, como a noz dentro da casca.

Daí a resposta de Jesus aos discípulos que lhe inquiriram a razão de Ele falar por parábolas: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes é isso dado. Pois ao que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância; mas ao que não tem; até aquilo que tem ser-lhe-á tirado.”

“Por isso lhes falo por parábolas, porque vendo não veem; e ouvindo não ouvem, nem entendem. E neles se está cumprindo a profecia de Isaías, que diz: Certamente ouvireis, e de nenhum modo entenderéis. Porque o coração deste povo se fez pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos, e eles fecharam os olhos; para não suceder que vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, entendam no coração e se convertam e eu os cure.”

Pelo trecho se observa claramente que os fariseus e a maioria dos judeus, em ouvindo a exposição da parábola, só viam a figura alegórica que lhes era mostrada, assim como, quem não quebra a noz, só lhe vê a casca.

Ao passo que com seus discípulos não acontecia à mesma coisa; eles viam e ouviam o ensino, o sentido espiritual que permanece para sempre; não se prendiam à figura ou a palavra sonora, que se extingue desvanece.

De modo que os fariseus ouviam, mas não ouviam; viam, mas não viam (\*); porque uma coisa é ver e ouvir com os olhos e ouvidos do corpo, outra coisa é ver e ouvir com os olhos e ouvidos do Espírito.

(\*) Em outros termos: ouviam, mas não escutavam; viam, mas não enxergavam.

A condição que Jesus expõe, como sendo indispensável “para nos ser dado e possuímos em abundância” é como diz o texto, de “nós termos” — Mas “termos” o quê? Certamente algum princípio doutrinário unido à boa vontade para recebermos a Verdade — “Aquele que tem ser-lhe-á dado e terá em abundância.”

E o obstáculo à recepção da sua Doutrina é o indivíduo “não ter” — não ter a mais ligeira iniciação espiritual e não ter boa vontade para receber a Nova da Salvação.

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

De modo que a Parábola Evangélica é uma instrução alegórica, exposta sempre com um fim moral, como um meio fácil de fazer compreender uma lição espiritual, pelo menos, a opinião do evangelista Mateus quando diz: “Todas estas coisas falou Jesus ao povo em parábolas, e nada lhes falava sem parábolas; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Abrirei em Parábolas a minha boca, e publicarei coisas escondidas desde a criação.”

(Mateus, XIII, 34-35).

Finalmente, as Parábolas têm pouca importância para os que as tomam como foram escritas; demais, o sentido nunca deve ser desnaturado ou transviado, sob pena de prejudicar a Ideia Cristã. Por exemplo, ao que vê na parábola do “tesouro escondido” um meio de enriquecer materialmente, ou na parábola do “administrador infiel” uma lição de infidelidade, lhe será preferível fechar os Evangelhos e continuar a tratar de seus negócios materiais.

A inteligência dos Evangelhos explica perfeitamente a interpretação espiritual que Jesus dá aos seus ensinamentos. Se os Evangelhos fossem um amontoado de alegorias sem significação espiritual, nenhum valor teriam.

## 2. Não vades ter com os gentios

8. Jesus enviou seus doze apóstolos, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: Não procureis os gentios e não entreis nas cidades dos samaritanos. Ide, antes, em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares onde fordes, pregai, dizendo que o Reino dos Céus está próximo.

(Mateus, 10:5 a 7.)

9. Em muitas circunstâncias, prova Jesus que suas vistas não se circunscrevem ao povo judeu, mas que abrangem a Humanidade toda. Se, portanto, diz a seus apóstolos que não vão ter com os pagãos, não é que desdenhe da conversão deles, o que nada teria de caridoso; é que os judeus, que já acreditavam no Deus uno e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, a lhes acolherem a palavra. Com os pagãos, onde até mesmo a base faltava, estava tudo por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa. Foi por isso que lhes disse: "Ide em busca das ovelhas transviadas de Israel", isto é, ide semear em terreno já arroteado. Sabia que a conversão dos gentios se daria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, os apóstolos foram plantar a cruz no centro mesmo do Paganismo.

10. Essas palavras podem também aplicar-se aos adeptos e aos disseminadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. Que, pois, a exemplo destes, procurem, primeiramente, fazer prosélitos entre os de boa vontade, entre os que desejam luz, nos quais um germen fecundo se encontra e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se compraza nas trevas, porque, assim procedendo, em maior proporção se aumentará o número dos sustentadores da causa. Deixar tranquilos os outros não é dar mostra de indiferença, mas de boa política. Chegar-lhes-á a vez, quando estiverem dominados pela opinião geral e escutarem a mesma coisa incessantemente repetida ao seu derredor. Aí, julgarão que aceitam voluntariamente, por impulso próprio, a ideia, e não por pressão de outrem.

Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar fora da estação apropriada, nem em terreno que não tenha sido de antemão preparado, pelo que melhor é se espere o tempo propício e se cultivem primeiro as que germinem, para não acontecer que abortem as outras, em virtude de um cultivo demasiado intenso.

Na época de Jesus e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo se circunscrevia e localizava. A casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda parte e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são um povo, são apenas uma opinião com que se topa em toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como do Paganismo triunfou o Cristianismo.

Já não são combatidos com armas de guerra, mas com a força da ideia.

**A Boa Nova**  
(Humberto de Campos)

## II. Não vades ter com os gentios

### Os discípulos

Frequentemente, era nas proximidades de Cafarnaum que o Mestre reunia a grande comunidade dos seus seguidores. Numerosas pessoas o aguardavam ao longo do caminho, ansiosas por lhe ouvirem a palavra instrutiva. Não tardou, porém, que ele compusesse o seu reduzido colégio de discípulos.

Depois de uma das suas pregações do novo reino, chamou os doze companheiros que, desde então, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinamentos. Eram eles os homens mais humildes e simples do lago de Genesaré.

Pedro, André e Filipe eram filhos de Betsaida, de onde vinham igualmente Tiago e João, descendentes de Zebedeu. Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados “os irmãos do Senhor”, à vista de suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta e Bartolomeu nascera de uma família laboriosa de Canaã da Galiléia.

Simão, mais tarde denominado “o Zelote”, deixara a sua terra de Canaã para dedicar-se à pescaria, e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariotes e se consagrara ao pequeno comércio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.

O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a princípio, certas dificuldades para harmonizar-se. Pequenas contendas geravam a separatividade entre eles. De vez em quando, o Mestre os surpreendia em discussões inúteis sobre qual deles seria o maior no reino de Deus; de outras vezes, desejavam saber qual, dentre todos, revelava sabedoria maior, no campo do Evangelho.

Levi continuava nos seus trabalhos da coletoria local, enquanto Judas prosseguia nos seus pequenos negócios, embora se reunisse diariamente aos demais companheiros. Os dez outros viviam quase que constantemente com Jesus, junto às águas transparentes do Tiberíades, como se participassem de uma festa incessante de luz.

Iniciando-se, entretanto, o período de trabalhos ativos pela difusão da nova doutrina, o Mestre reuniu os doze em casa de Simão Pedro e lhes ministrou as primeiras instruções referentes ao grande apostolado.

\*

De conformidade com a narrativa de Mateus, as recomendações iniciais do Messias aclaravam as normas de ação que os discípulos deviam seguir para as realizações que lhes competiam concretizar.

Amados entrou Jesus a dizer-lhes, com mansidão extrema —, não tomareis o caminho largo por onde anda toda gente, levada pelos interesses fáceis e inferiores; buscareis a estrada escabrosa e estreita dos sacrifícios pelo bem de todos. Também não penetrareis nos centros de discussões estéreis, à moda dos samaritanos, nos das contendas que nada aproveitam às edificações do verdadeiro reino nos corações com sincero esforço.

Ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de nosso Pai que se encontram em aflição e voluntariamente desterradas de seu divino amor. Reuni convosco todos os que se encontram de coração angustiado e dissei-lhes, de minha parte, que é chegado o reino de Deus.

Trabalhai em curar os enfermos, limpar os leprosos, ressuscitar os que estão mortos nas sombras do crime ou das desilusões ingratas do mundo, esclarecei todos os espíritos que se encontram em trevas, dando de graça o que de graça vos é concedido.

Não exibais ouro ou prata em vossas vestimentas, porque o reino do céu reserva os mais belos tesouros para os simples.

Não ajunteis o supérfluo em alforjes, túnicas ou alpercatas para o caminho, porque digno é o operário do seu sustento.

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, buscai saber quem deseje aí os bens do céu, com sinceridade e devotamento a Deus, e reparti as bênçãos do Evangelho com os que sejam dignos, até que vos retireis.

Quando penetrardes nalguma casa, saudai-a com amor.

Se essa casa merecer as bênçãos de vossa dedicação, desça sobre ela a vossa paz; se, porém, não for digna, torne essa mesma paz aos vossos corações.

Se ninguém vos receber, nem desejar ouvir as vossas instruções, retirai-vos sacudindo o pó de vossos pés, isto é, sem conservardes nenhum rancor e sem vos contaminardes da alheia iniquidade.

Em verdade vos digo que dia virá em que menos rigor haverá para os grandes pecadores, do que para quantos procuram a Deus com os lábios da falsa crença, sem a sinceridade do coração.

Por essa razão que vos envio como ovelhas ao antro dos lobos, recomendando-vos a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes.

Acautelai-vos, pois, dos homens, nossos irmãos, porque sereis entregues aos seus tribunais e sereis açoitados nos seus templos suntuosos, de onde está exilada a ideia de Deus.

Sereis conduzidos, como réus, à presença de governadores e reis, de tiranos e descrentes, a fim de testemunhardes a minha causa.

Mas, nos dias dolorosos da humilhação, não vos dê cuidado como haveis de falar, porque minha palavra estará convosco e sereis inspirados, quanto ao que houverdes de dizer.

Porque não somos nós que falamos; o espírito amoroso de Nosso Pai é que fala em todos nós.

Nesses dias de sombra, em que se lutará no mundo por meu nome, o irmão entregará à morte o próprio irmão, o pai os filhos, espalhando-se nos caminhos o rastro sinistro dos lobos da iniquidade.

Os que me seguirem serão desprezados e odiados por minha causa, mas aquele que perseverar, até o fim, será salvo.

Quando, pois, fordes perseguidos numa cidade, transportai-vos para outra, porque em verdade vos afirmo que jamais estareis nos caminhos humanos sem que vos acompanhe o meu pensamento.

Se tendes de sofrer, considerai que também eu vim à Terra para dar o testemunho e não é o discípulo mais do que o mestre, nem o servo mais que o seu senhor.

Se o adversário da luz vai reunir contra mim as tentações e as zombarias, o ridículo e a crueldade, que não fará aos meus discípulos?

Todavia, sabeis que acima de tudo está o Nosso Pai e que, portanto, é preciso não temer, pois um dia toda a verdade será revelada e todo o bem triunfará.

O que vos ensino em particular, difundi-o publicamente; porque o que agora escutais aos ouvidos será o objeto de vossas pregações de cima dos telhados.

Trabalhai pelo reino de Deus e não temais os que matam o corpo, mas não podem aniquilar a alma; temei antes os sentimentos malignos que mergulham o corpo e a alma no inferno da consciência.

Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? Entretanto, nenhum deles cai dos seus ninhos sem a vontade do nosso Pai. Até mesmo os cabelos de nossas cabeças estão contados.

Não temais, pois, porque um homem vale mais que muitos passarinhos.

Empregai-vos no amor do Evangelho e qualquer de vós que me confessar, diante dos homens, eu o confessarei igualmente diante de meu Pai que está nos céus.

**Crônicas e Artigos**

Nº 472 – 03/07/2016

O Consolador – (Arnaldo Ramos de Oliveira)

**II. Não vades ter com os gentios**

**Podemos fazer prosélitos? O que Kardec fala a respeito**

Quantas e quantas vezes ouvimos ou falamos isto: - A Doutrina Espírita não faz prosélitos (1)

Essa ideia passou a povoar as mentes de inúmeros confrades a ponto de até sermos rechaçados quando alguém supõe que o estamos fazendo, quando falamos da Doutrina Espírita; de sua beleza, do conforto que traz ao coração, da compreensão da justiça das aflições, da comunicabilidade para com nossos entes que já partiram para a grande viagem, enfim, quando ao falarmos da boa doutrina e querendo passar uma ideia bem definida e com corpo doutrinário de consolo.

Observamos que muitos por esse mundo afora se encontram em planos maiores de entendimento e se põem a criticar quem de boa mente leva a mensagem espírita com o intuito de divulgá-la, e com a certeza de que pode auxiliar tantos corações desajustados em função das múltiplas e dolorosas aflições que ocupam mente e corpo da humanidade. Vivemos momentos angustiosos. Grassa pelos quatro cantos do planeta Terra a insegurança, a intemperança diante de tantas desgraças e ainda assim enfiam-nos goela abaixo o puritanismo que nada auxilia, coibindo os que de boa-fé querem oferecer um caminho para oferecer a corações amigos, ou não, e por fim exortam-nos os companheiros a não fazer proselitismos.

Talvez Allan Kardec também devesse ouvir e ler essas exortações do “não fazer proselitismo”, pois no Evangelho, cap. 24, item 10, ele nos recomenda o seguinte:

Essas palavras podem também aplicar-se aos adeptos e aos disseminadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos.

Que, pois, a exemplo destes, procurem, primeiramente, fazer prosélitos entre os de boa vontade, entre os que desejam luz, nos quais um gérmen fecundo se encontra e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão.

Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se compraza na treva, porque, assim procedendo, em maior proporção se aumentará o número dos sustentadores da causa. Deixar tranquilos os outros não é dar mostra de indiferença, mas de boa política.

Chegar-lhes-á a vez, quando estiverem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa incessantemente repetida ao seu redor.

Aí, julgarão que aceitam voluntariamente, por impulso próprio, a ideia, e não por pressão de outrem.

Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar fora da estação apropriada, nem em terreno que não tenha sido de antemão preparado, pelo que melhor é se espere o tempo propício e se cultivem primeiro as que germinem, para não acontecer que abortem as outras, em virtude de um cultivo demasiado intenso.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXIV, item 10.)

Recorrendo a Kardec, fica bastante esclarecido que devemos dar de nosso tempo, sim, àqueles que, desencantados com a vida, em desequilíbrio buscam desesperadamente uma tábua de salvação.

Caso não a ofereçamos, em nos dominando a absurda ideia de não fazer proselitismo, caímos no absurdo da avareza – aquele que tem mas não doa – com medo das críticas e dos críticos de plantão que em nome do purismo se arvoram em conselheiros que além de cometer erros, ajuízam que Kardec recomendou o não fazer proselitismo.

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Assim nos damos conta que os chavões criados por descuidadosos “espíritas” nada mais é que o medo de “pagar mico” por ainda se deixar levar pelo dito popular – religião, futebol e política não se discutem.

Realmente não se discute porque não vale a pena qualquer discussão sem fundamento, porém, levar a mensagem do Espiritismo é obrigação do Espírita bem-intencionado.

Finalizando pergunto: - Será que ainda temos medo de ir para o inferno? Ou ainda nos move a dificuldade de sermos “afrontados” com termos que não faz parte de nossa boa doutrina? Ou será que devemos deixar os outros seguirem seu destino dentro do determinismo que herdaram de suas (nossas) condutas no descaminho do progresso?

Uma coisa é querer enfiar na cabeça dos outros aquilo que os mesmos não estão preparados, outra coisa é fazer prosélitos entre os de boa vontade, afinal – A maior caridade que podemos fazer pela Doutrina é divulgá-la, não é mesmo?

Portanto, deixemos os orgulhosos incrédulos com suas ideias de duvidável justiça divina que preconizam, e em contraponto, que façamos proselitismo com os prosélitos de boa vontade.

(1) Prosélitos Ação ou empenho de tentar converter uma pessoa em prol de determinada causa, religião.



### 3. Não são os que gozam saúde que precisam de médico

11. Estando Jesus à mesa em casa desse homem (Mateus), vieram aí ter muitos publicanos e gente de má vida, que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; o que fez que os fariseus, notando-o, dissessem aos discípulos: “Como é que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida?” — Tendo-os ouvido, disse-lhes Jesus: “Não são os que gozam saúde que precisam de médico.”

(Mateus, 9:10 a 12.)

12. Jesus se acercava, principalmente, dos pobres e dos deserdados, porque são os que mais necessitam de consolações; dos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem se lhes dê a vista, e não dos orgulhosos que julgam possuir toda a luz e de nada precisar.

(Veja-se: Introdução, artigo: Publicanos, Portageiros.)

Essas palavras, como tantas outras, encontram no Espiritismo a aplicação que lhes cabe. Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que tão preciosa faculdade devesse ser atributo exclusivo dos de maior merecimento.

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ademais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortalecer no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente.

Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo haja escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciado com a própria boca a sua condenação?

Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

**Crônicas e Artigos**

**III. Não são os que gozam de saúde que precisam de médico**

Nº 172 – 22/08/2010

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

**Os são não precisam de médico**

“Os são não precisam de médico, mas sim os enfermos”.

(Jesus – Mateus, IX: 12).

Obviamente, as criaturas saudáveis não necessitam de cuidados médicos. Os que precisam dos serviços da medicina são aquelas que, de alguma forma, estão doentes.

Jesus usou essa imagem para mostrar que a Sua vinda a Terra trazia a proposta de socorrer especialmente aqueles que ainda não estavam devidamente enquadrados no contexto do equilíbrio, o que em realidade era e ainda é a grande maioria das pessoas neste mundo.

E a enfermidade a que se referia vai muito além das anormalidades físicas, abrangendo, detalhadamente, todas as deformidades do Espírito. Jesus sempre se prontificou a nos orientar de forma holística, para que tenhamos saúde plena, ou seja, o necessário equilíbrio entre as duas naturezas de que somos portadores; a física e a espiritual.

Diante da nossa condição evolutiva, ainda muito distantes da perfeição, podemos até contar com uma boa saúde física, mas quem terá ampla e total saúde espiritual?

No momento, por mais que nos esforcemos podemos contar, em nossa intimidade, com muito mais defeitos a serem vencidos do que virtudes já adquiridas. E, naturalmente, tais defeitos e inferioridades se caracterizam como as doenças que precisam de cura, urgentemente, se é que pretendemos desfrutar de um pouco de paz e felicidade.

A medicina terrena nos oferece as poções que restabelecem e mantêm o ajuste do corpo e os ensinamentos de Jesus Cristo dão a base para verdadeira saúde espiritual. O auxílio médico e medicamentoso aliados ao Evangelho do Cristo, uma vez, colocados em prática são capazes de fazer o homem verdadeiramente saudável.

Combatendo firmemente o egoísmo, essa terrível doença que confunde a nossa mente a ponto de acreditarmos que tudo deva ser nosso, só nos interessando por aquilo que nos diz respeito e que tantos males e prejuízos tem nos causado ao longo do tempo, estaremos, erradicando nefasta chaga do nosso âmago.

Combatendo decididamente o orgulho, esse infeliz comportamento que nos remete a pensar que somos sempre os melhores e que o mundo deva se curvar aos nossos pés, diante da nossa importância, que impede vislumbrarmos a presença dos nossos irmãos que seguem ao nosso lado, estaremos, eliminando doença pertinaz que há muito aboleta a nossa visão humanitária.

Combatendo a violência que tem insistido para que creiamos ser mais fortes e destemidos que os outros, verdadeiro nascedouro de inimizades e antipatias, estaremos, extirpando uma anomalia que tem contribuído para o clima beligerante da sociedade em que vivemos.

Combatendo o ódio, essa represa de águas putrefatas que reside em nosso coração e que incontáveis, tragédias tem proporcionado em nossa vida, estaremos não só asserenando os nossos dias como apaziguando os dias daqueles que conosco se relacionam.

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Combatendo a preguiça, mãe do nosso atraso intelectual e moral, que nos mantém manietados à inércia e ao comodismo, estaremos, dando um novo impulso à caminhada que nos levará, futuramente, à perfeição a que todos estamos destinados e que surgirá mediante os nossos esforços.

Combatendo o pessimismo, que turva o nosso ânimo e nos propõe uma vida de cabeça baixa e amedrontada, renascemos para as lutas e metas que nos conduzirão a patamares de superação e progresso espiritual.

Assim, as sábias e oportunas lições de Jesus Cristo nos foram entregues para que tenhamos saúde plena, abrangente, holística e contemos com os recursos imprescindíveis visando colher, na presente existência física, todos os frutos possíveis.

De alguma forma somos todos doentes. Os remédios estão disponíveis, façamos usos deles sistematicamente, buscando-os nas farmácias da Terra ou no coração de Jesus.

**Crônicas e Artigos**

Nº 415 – 24/05/2015

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

**III. Não são os que gozam de saúde que**

**precisam de médico**

**Jesus, Mestre dos mestres e médico das almas**

Podemos destacar dois grandes momentos da vida de Jesus: o de Jesus como o Mestre dos mestres e o de Jesus como o médico das almas.

Como o Mestre dos mestres, podemos destacar dois momentos: o ensino por parábolas e as ocasiões em que Jesus ensinou o homem a pensar.

Jesus empregou magistralmente o ensinamento por parábolas, pequenas histórias que serviam para tornar acessível, ao povo, os ensinamentos doutrinários. E para facilitar mais a compreensão das coisas espirituais, ele servia-se de comparações com o que ocorre na vida comum e nos interesses rotineiros do homem.

As ocasiões em que Jesus ensinou o homem a pensar foram as vezes em que, ao ser perguntado sobre algum assunto, ele respondia sempre com uma outra pergunta, para, assim, ensinar o homem a entender, de maneira lógica, o assunto que era focalizado.

Podemos dar alguns exemplos:

Quando um doutor da lei, para o tentar, disse: “Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?”, Jesus lhe perguntou: “Que está escrito na lei? Que é o que lês nela?” O doutor da lei disse: “Amarás o Senhor Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe Jesus: “Respondeste muito bem; faze isto e viverás.” Mas o homem, querendo parecer que era um justo, disse: “Quem é o meu próximo?” Então Jesus contou a Parábola do Bom Samaritano (Lucas, 10:25 a 37), que fala sobre o samaritano que descia de Jerusalém para Jericó e, vítima de salteadores, foi ferido; algum tempo depois, um sacerdote e um levita passaram, indiferentes; logo a seguir veio um samaritano, que assistiu o homem. Jesus, então, perguntou: “Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?” O doutor da lei respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Disse-lhe Jesus: “Então, vai e faze o mesmo”.

Também para tentá-lo, os fariseus mandaram os seus discípulos, em companhia dos herodianos, lhe perguntar: “É nos permitido pagar ou deixar de pagar tributo a César?” Jesus pediu-lhes uma moeda, e perguntou: “De quem são a imagem e a inscrição nesta moeda?” “De César”, responderam eles. Então, Jesus lhes observou: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Ao ensinar o homem a pensar, Jesus lançou as bases para a fé raciocinada, que foi (e é) valorizada pelo Espiritismo. Ou seja, não acreditar apenas cegamente, ou porque alguém impôs que se deve acreditar nisto ou naquilo, ou desta ou daquela maneira – essa é a fé cega, que muitas vezes conduz ao fanatismo, pois baseando-se, muitas vezes, no erro, cedo ou tarde desmorona. Somente a fé raciocinada, que se baseia na verdade, nada tem a temer do progresso. Como diz o Espiritismo: fé raciocinada é a que pode enfrentar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade.

Por fim, Jesus é o médico das almas, porque, como ele disse, não são os que gozam de saúde que precisam de médico. Ora, todos nós somos doentes da alma; logo, se tivermos fé, todos seremos curados por ele. É também neste sentido que Jesus se acercava, principalmente, dos pobres e dos deserdados, pois são os mais necessitados de consolações, e não dos orgulhosos, que julgam possuir toda a luz e de nada precisar.

**Espiritismo para crianças**

Nº 121 – 23/08/2009

O Consolador – (Célia Xavier de Camargo)

**III. Não são os que gozam de saúde que**

**precisam de médico**

**O raio de luz**

Certa vez, há muito tempo, um jovem de bons sentimentos e coração generoso, vivia atormentado sem saber como agir em determinadas circunstâncias.

Esse jovem tinha amigos cujas atitudes não eram as mais corretas. Todavia, ele reconhecia neles qualidades outras que os faziam dignos de apreço.

Perto de sua casa, existiam mulheres com as quais ele convivia, e que o povo afirmava serem pessoas de vida dissoluta, merecedoras de execração e desprezo. No entanto, certa ocasião quando adoecera e precisara de socorro, elas o haviam atendido com dedicação e devotamento, trazendo-lhe alimentação e remédios, e cuidando dele até que estivesse curado e pronto para retornar ao serviço.

Havia um homem que afirmavam ser um bandido da pior espécie, tendo cometido vários crimes e sendo procurado pela polícia. Contudo, o jovem o ficara conhecendo no mercado, e conversara com ele, identificando nele apenas um infeliz que, por muito sofrer, acabara se desencaminhando.

Sem saber como agir, encontrando um ancião, tido por sábio, aproximou-se dele e perguntou-lhe: — Diga-me, meu bom homem, como proceder em relação às pessoas de má vida? A sociedade nos cobra uma postura de afastamento, de desprezo e de indiferença, para que não nos tornemos como elas, copiando-lhes o comportamento errôneo. O que me diz a respeito disso?

O ancião cofiou as longas barbas brancas, pensou por alguns instantes, depois lhe perguntou:

— Meu jovem, acaso já observou o pântano, coberto de impurezas?

— Sim! A lama nos obriga ao afastamento para não nos contaminarmos com a sujeira que ali impera.

O ancião calou-se, pensativo, depois tornou:

— Meu jovem, nesse mesmo pântano onde a imundície reina, um raio de luz que desce do alto varando as trevas, toca a lama sem contaminar-se. Ajuda-a, aquece-a, seca-a, e afasta-se puro e luminoso como chegou.

O moço sorriu, entendendo o elevado ensinamento. Compreendeu que a sujeira está em quem a carrega. Que podemos nos aproximar das pessoas, ajudar, conviver, sem nos deixarmos envolver por suas atitudes negativas.

O velho sábio, com os olhos perdidos à distância, completou:

— Pois não era exatamente assim que o Mestre de Nazaré agia em relação aos que o procuravam, ensinando-nos a fazer o mesmo? Jesus fez de todos os desprezados pela sociedade, mendigos, doentes, prostitutas, sofredores, os seus prediletos, afirmando que não são os que gozam de saúde que precisam de médico, mas os doentes.

O jovem respirou fundo, ergueu os olhos para o céu, sentindo-se estranhamente feliz e revigorado. Aquela resposta era tudo o que ele precisava ouvir.

Ergueu-se, agradeceu ao ancião e partiu, levando em seu íntimo a convicção de estar, agindo corretamente.

E desse dia em diante, ainda com mais carinho, dedicou-se aos desafortunados da sorte, fazendo por eles tudo o que estava ao seu alcance.

**Tolstoi Léon, Mensagem acima, (psicografia Célia Xavier de Camargo), (em 30/07/2009)**

#### 4. Coragem da fé

13. Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, Eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e aquele que me renegar diante dos homens, também Eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus.

(Mateus, 10:32 e 33.)

14. Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também dele se envergonhará, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos.

(Lucas, 9:26.)

15. A coragem das opiniões próprias sempre foi tida em grande estima entre os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de toda gente. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcionado às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar alguém diante das consequências que lhe acarreta a sua opinião e em renegá-la; mas há casos em que isso constitui covardia tão grande, quanto fugir no momento do combate.

Jesus profliga essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhar de suas palavras, desse também Ele se envergonhará; que renegará aquele que o haja renegado; que reconhecerá, perante o Pai que está nos céus, aquele que o confessar diante dos homens. Por outras palavras: aqueles que se houverem arreçado de se confessarem discípulos da verdade não são dignos de se ver admitidos no Reino da Verdade. Perderão as vantagens da fé que alimentem, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo dos outros.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que a doutrina que professam mais não é do que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

## **Espiritismo para crianças**

Nº 453 – 21/02/2016

O Consolador – (Gebaldo José de Sousa)

## **IV. Coragem e fé**

### **Coragem e fé**

“Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem.” – Jesus (Lc, 9:26).

O cristão confessa a própria fé com júbilo; e o faz não só com o verbo, mas com a própria vida, com os ideais que acalenta e as ações que desenvolve para alcançá-los.

Há, nos Evangelhos, inúmeras demonstrações de fé, das quais destacamos:

“Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.

Ouvindo isto, admirou-se Jesus, e disse aos que o seguiam:

Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta”.

(Mt, 8:8 e 10.)

“E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada. E Jesus, voltando-se, e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E desde aquele instante a mulher ficou sã.”

(Mt, 9:20/22.)

“Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paraplético: Filho, os teus pecados estão perdoados.”

(Mc, 2:5.)

Ocultamos nossa fé, por respeito humano, por orgulho ou vaidade, ao sentirmos vergonha de a revelar diante dos outros homens. Orgulho que também nos leva a ignorar um parente pobre, ou a omitir certas doenças; ou, movidos por egoísmo ou comodismo, não divulgamos nossa fé, evitando que outros também estudem a verdade e se libertem.

“Perderão o benefício de sua fé, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que proclamam a verdade abertamente, colocando-a acima de seus interesses materiais, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo futuro dos outros.” (1)

No passado, cristãos eram perseguidos (presos, crucificados e lançados aos leões). Com o tempo, modificaram-se as formas de perseguição aos que creem: com a polícia, impedindo-lhes as reuniões, levantando acusações falsas.

Espíritas foram e são hostilizados por outras Doutrinas cristãs, com interesses materiais estabelecidos na sociedade, quando afirmam que ela é obra do demônio.

Emmanuel (2) ensina-nos sobre a coragem da fé:

“É indispensável não esquecer-lhe (do Cristo) os princípios sublimes, diante das tarefas de cada dia.

A vida de um homem é a sua própria confissão pública.

A conduta de cada crente é a sua verdadeira profissão de fé.

Torna-se indispensável não se envergonhar o aprendiz de Jesus, perante as situações, aparentemente insignificantes ou eminentemente expressivas, em que se pede ao crente o

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

exemplo de amor, renúncia e sacrifício pessoal que o Senhor demonstrou em sua trajetória sublime”.

Noutra parte(3), o nobre mentor reafirma:

“Um tipo diferente de coragem, porém, se espera dos seguidores do Cristo: a coragem da fé.

Aquela de se calar alguém para que outro fale mais alto; de sofrer injúrias e humilhações, sem deteriorar a imagem dos próprios adversários e agressores; de acreditar no bem, mesmo quando a ignorância e a maldade parecem em triunfo; de aceitar a rotina dos encargos de cada dia, nela encontrando a alegria do trabalho, sem aplauso público, e a coragem de esquecer-se para que outros recolham as vantagens do serviço que lhe haverá custado imenso esforço.

A coragem da fé será sempre mais difícil, porque exige humildade e renúncia, tolerância e dedicação ao bem do próximo.

Aqueles que buscam o bem comum são estimulados de formas surpreendentes, em momentos cruciais de suas lutas.

Exemplo belíssimo ocorreu com Martin Luther King Jr.(4) (1919-04.04.1968), Prêmio Nobel da Paz de 1964.

Nas décadas de 50 e 60 lutou pela igualdade social para os negros nos E.U.A.

Contava ele que “Uma das pessoas que participaram com mais dedicação do protesto contra os ônibus em Montgomery foi uma velha negra a quem chamávamos carinhosamente Mamãe Pollard.

Embora pobre e sem instrução, possuía profunda compreensão do sentido do movimento.

Após marchar durante várias semanas, perguntaram-lhe se estava cansada. Ela respondeu:

–Meus pés estão cansados, mas a alma está descansada.

Certa noite, depois de uma semana repleta de tensão, falei num comício.

Tentei transmitir uma impressão ostensiva de força e de coragem, mas intimamente estava deprimido e temeroso. Mamãe Pollard chegou depois à frente da igreja e disse-me: – Venha cá, meu filho.

Fui para junto dela e a abracei afetosamente.

– Há alguma coisa com você – disse ela. – Não falou com força hoje. Sei que há alguma coisa. Não estamos fazendo o que você quer? Ou são os brancos que estão aborrecendo você?

Antes que eu pudesse responder, olhou-me diretamente nos olhos e exclamou: – Eu lhe disse que estamos com você em tudo e por tudo.

Depois, o rosto dela se iluminou e ela disse em palavras de tranquila certeza: – E depois, mesmo que a gente não esteja com você, Deus tomará conta de você.

Quando ela proferiu essas consoladoras palavras, tudo em mim estremeceu e se acelerou com o palpitante tremor de pura energia.

Desde aquela sombria noite de 1956, Mamãe Pollard subiu ao céu e poucos dias calmos tenho conhecido. Mas com a passagem dos anos as palavras eloquentemente simples de Mamãe Pollard me têm ocorrido repetidamente para dar-me luz, paz e orientação à alma perturbada: Deus tomará conta de você!”

“Essa fé transforma o torvelinho do desespero numa quente e animadora brisa de esperança. As palavras de um quadro que era comumente encontrado nas paredes das casas das pessoas religiosas devem ser gravadas em nossos corações:

O Medo bateu à porta.



## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

A Fé foi ver quem era.  
Não havia ninguém.”

As palavras boas, de confiança, ditas por aquela Senhora, o encorajaram.  
Analfabeta, mas possuía fé, e a demonstrava, contagiando os demais.

Todos podemos desenvolver nossa fé, exercitando-a, dia a dia. A Fé não se transfere: é conquista pessoal, mas se desenvolve com o exercício e com os exemplos de muitas outras pessoas, como vimos no fato narrado por Martin Luther King Jr.

Podemos motivar outros a desenvolvê-la, com palavras, ações, um abraço, um olhar, um pensamento, uma prece.

Para nossas reflexões, eis preciosas frases que nos remetem à fé:

“A fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”.

(Paulo, Hb 11-1.)

“A fé é um pássaro que canta, saudando a aurora, quando é noite ainda.”

( Anônimo.)

“Todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante do meu Pai que está nos Céus.”

(Mt, 10:32.)

### Referências:

1. **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 24, it. 15.)
2. **Emmanuel**, Vinha de Luz, (psicografia Chico Xavier), (cap. 51: Não se envergonhar.)
3. **Emmanuel**, Monte Acima, (psicografia Chico Xavier), (p. 26 a 29: Coragem e fé.)
4. **Opinião Espírita** Revista, (Nº\_04, abr/82.)

**Crônicas e Artigos**

Nº 86 – 14/12/2008

O Consolador – (Francisco Rebouças)

**IV. Coragem e fé**

**A coragem e a responsabilidade de quem tem fé!**

Toda vez que enfrentarmos sem temor as adversidades que nos surgirem, para mostrar nossa confiança nas mensagens de Jesus, constantes dos evangelhos, e tão bem explicadas pela nobre Doutrina Espírita, e que representam a única maneira de verdadeiramente chegarmos a Deus, como ELE nos afirmou: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”,(1) é que estaremos, dando nossa contribuição efetiva e nosso testemunho pessoal, para que a verdade das coisas se estabeleça segundo as suas próprias palavras em outra passagem registrada pelo evangelista João, quando nos disse:

“O Espírito é o que vivifica, a carne para nada serve; as palavras que eu vos tenho dito são, espírito e são, vida”. (2)

Assim sendo, não podemos apenas deixar que a Espiritualidade Superior realize tudo o que se faz necessário para que a divulgação da mensagem do Consolador Prometido se estabeleça com eficiência como muitos dos nossos confrades pensam e defendem. Dizem que em tudo a espiritualidade dará um jeito no tempo certo e, até mesmo com relação aos seus filhos, estão esperando que cresçam e que os Espíritos Superiores os convençam a segui-los ao encontro de Jesus nas casas espíritas que frequentam, como se a orientação religiosa não fosse importante e não lhes estivesse designada pela Soberana Sabedoria do Universo, como responsabilidade de Pais.

Nos assuntos da Doutrina Espírita também são incontáveis os seguidores do Espiritismo que pensam e agem da mesma maneira, aceitando sem contestação as falsas interpretações dadas por uma grande quantidade de pseudossábios que, colocando a vaidade acima dos deveres de cristãos, enxertam, alteram e espalham conceitos absurdos como se fizessem parte da doutrina que desconhecem em profundidade e que ainda encontram apoio nas atitudes de grande parte dos espíritas que, a título de não polemizar, se calam deixando a falsa ideia se expandir, principalmente entre os que não fazem uso dos grupos de estudo das Instituições Espíritas sérias, deixando dessa forma de atender as instruções dos Espíritos que nos afirmam: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”.(3)

Preciso se faz, urgentemente, que o que está sob nossa responsabilidade de executar Espírito nenhum poderá realizar por nós, pois, se assim fosse, nada precisaríamos realizar em prol do nosso burilamento; os Espíritos fariam por nós, como bons amigos e executores das vontades do Pai.

Nas mensagens seguintes, contidas em O Evangelho segundo o Espiritismo, podemos facilmente constatar essa verdade, conforme segue:

“Coragem da fé

13. Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; - e aquele que me renegar diante dos homens, também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus.

(S. MATEUS, cap. X, vv. 32 e 33.)

14. Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também dele se envergonhará, quando vier na sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos.

(S. LUCAS, capítulo IX, v. 26.)

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

15. A coragem das opiniões próprias sempre foi tida em grande estima entre os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de toda gente. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcionado às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar alguém diante das consequências que lhe acarreta a sua opinião e em renegá-la; mas há casos em que isso constitui covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

### **A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE**

Jesus profliga essa covardia, do ponto de vista especial da sua doutrina, dizendo que, se alguém se envergonhar de suas palavras, desse também ele se envergonhará; que renegará aquele que o haja renegado; que reconhecerá, perante o Pai que está nos céus, aquele que o confessar diante dos homens.

Por outras palavras: aqueles que se houverem arreçado de se confessarem discípulos da verdade não são dignos de se verem admitidos no reino da verdade. Perderão as vantagens da fé que alimentem, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo dos outros.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que a doutrina que professam mais não é do que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza”.(4)

### **Bibliografia:**

- (1) **Evangelho de João**, (Cap. 14, v. 6.)
- (2) **Evangelho de João**, (Cap. 6, v 63.)
- (3) **Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XX – Item 230.)
- (4) **Kardec Allan**, O Evangelho segundo O Espiritismo, (Capítulo XXIV – 13, 14, 15 e 16.)

**5. Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á**

17. Bem-ditosos sereis quando os homens vos odiarem e separarem, quando vos tratarem injuriosamente, quando repelirem como mau o vosso nome, por causa do Filho do Homem. Rejubilai nesse dia e ficai em transportes de alegria, porque grande recompensa vos está reservada no céu, visto que era assim que os pais deles tratavam os profetas.

(Lucas, 6:22 e 23.)

18. Chamando para perto de si o povo e os discípulos, disse-lhes: “Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; porquanto, aquele que se quiser salvar a si mesmo, perder-se-á; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará.” — Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo?

(Marcos, 8:34 a 36; Lucas, 9:23 a 25; Mateus, 10:38 e 39; João, 12:25 e 26.)

19. “Rejubilai-vos”, diz Jesus, “quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no céu.”

Podem traduzir-se assim essas verdades: “Considerai-vos ditosos, quando haja homens que, pela sua má vontade para convosco, vos deem ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porquanto o mal que vos façam redundará em proveito vosso. Lamentai-lhes a cegueira, porém, não os maldigais.”

Depois, acrescenta: “Tome a sua cruz aquele que me quiser seguir”, isto é, suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe acarretar, dado que aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando a mim, perderá as vantagens do Reino dos Céus, enquanto os que tudo houverem perdido neste mundo, mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação de que deram prova. Mas aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: “Já recebestes a vossa recompensa.”

**Editorial**

Nº 358 – 13/04/2014

O Consolador

**V. Carregar sua cruz.**

**Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á**

**A cruz nossa de cada dia**

Além dos vários significados que apresenta, como por exemplo o madeiro em que Jesus foi pregado, a palavra cruz é usada também, por extensão, para designar aflição, pena, infortúnio. É com esse sentido que se diz: “Maria carrega uma cruz pesada”.

Em um planeta como a Terra, é óbvio que quase todas as pessoas, com as exceções de praxe, chegam à existência corpórea carregando determinada cruz, que pode ser leve ou pesada, mas, com certeza, é proporcional às suas forças.

Comentando determinada passagem do Evangelho, Kardec escreveu:

“Rejubilai-vos, diz Jesus, quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no céu.” Podem traduzir-se assim essas verdades: “Considerai-vos ditosos, quando haja homens que, pela sua má vontade para convosco, vos deem ocasião de provar a sinceridade da vossa fé, porquanto o mal que vos façam redundará em proveito vosso. Lamentai-lhes a cegueira, porém, não os maldigais.

Depois, acrescenta: “Tome a sua cruz aquele que me quiser seguir”, isto é, suporte corajosamente **as tribulações** que sua fé lhe acarretar, dado que aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando-me a mim, perderá as vantagens do reino dos céus, enquanto os que tudo houverem perdido neste mundo, mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação de que deram prova. Mas, aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: “Já recebestes a vossa recompensa”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXIV, item 19.)

Certa vez uma senhora procurou Chico Xavier, levando consigo uma criança ao colo. Ela lhe disse:

“Seu Chico, meu filho nasceu surdo, cego e sem os braços. Agora está com uma doença nas pernas e precisa amputar as duas pernas para ser salvo. Por que isso tudo?”

Chico, olhando fixamente aquela sofrida mulher, respondeu-lhe:

“Minha filha, Emmanuel, aqui presente, me diz que nas dez últimas encarnações esse ser suicidou-se e pediu, antes de renascer nesta atual existência, que lhe fossem retiradas as possibilidades de mais uma tragédia. Porém, como agora, apesar de cego, surdo e sem braços, está ainda procurando um lugar como um precipício, rio, avenida, para se matar – aí só cortando as pernas, não?”

Como analisar tão dura prova? O sofrimento da criança, a angústia da mãe, um destino que se apresenta cruel são justificados em face de um bem maior, que é a salvação de uma alma, a recuperação de um ser que se complicou muito no passado e, no entanto, merece a indulgência do Pai e uma segunda chance.

Examinado o fato sob a ótica materialista, é claro que vicissitudes como essas são consideradas inteiramente sem propósito. Mas nós somos espiritualistas e temos de, necessariamente, olhar para a vida com um sentido mais largo e mais profundo, visto que o corpo é transitório, mas a alma vive para sempre.

Das muitas histórias narradas por Humberto de Campos, lembramo-nos do caso de uma pobre viúva que, assoberbada de sofrimentos acerbos, apelara para Deus, a fim de que se modificasse

## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

a volumosa cruz da sua existência. Tudo lhe havia falhado nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

– Senhor, exclamou ela, por que me deste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportável madeiro!

À noite, mergulhada nas asas brandas do sono, a alma daquela mulher foi conduzida a um palácio resplandecente. Um Emissário do Senhor recebeu-a no pátio, com sua bênção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruzes. Viam-se ali cruzes de todos os feitios e tamanhos.

– Aqui – disse-lhe ele – guardam-se todas as cruzes que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Atendendo, porém, à tua súplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada que a tua.

A mulher, embora surpresa com o fato, examinou as cruzes presentes e, após algum tempo, escolheu conscienciosamente aquela cujo peso correspondia às suas possibilidades. Quando, porém, a apresentou ao Mensageiro Espiritual, verificou que na cruz escolhida encontrava-se insculpido o seu próprio nome, reconhecendo então a sua impertinência e rebeldia.

– Vai – disse-lhe o Emissário do Senhor – com a tua cruz e não descreias! Deus, na sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior às tuas forças.

**Crônicas e Artigos**

Nº 30 – 09/11/2007

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

**V. Carregar sua cruz.**

**Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á**

**Nunca perca a esperança**

A você, que traz o coração sofrido e torturado, envio esta mensagem para levantar seu ânimo, nesse momento difícil de sua vida.

Diante do que você está passando, se for preciso chorar, chore, mas que suas lágrimas não sejam de revolta ou de inconformação e possam elas lavar sua alma, balsamizando sua dor.

Se você encontrar um ombro amigo para se escorar, faça dele um ponto de apoio para continuar a luta abençoada de sua existência.

E tem mais: não se curve com o peso da cruz que você carrega, parando no meio do caminho.

Lembre-se de que Jesus foi auxiliado pelo Cirineu a carregar sua cruz em direção ao cimo do Calvário.

Acredite, há sempre alguém neste mundo para ajudá-lo.

É só manter a esperança e prosseguir de frente erguida para os céus.

Deus existe e olha por você. Não duvide disso, porque o Seu infinito amor envolve o seu coração sangrando pela estocada da ingratidão recebida. Não desista da vida em momento algum e nunca perca a esperança na bondade de Deus.

Lembre-se também de que a vida pede a você simplesmente para caminhar. Não olhe para trás. Parar? Nunca! Caminhe fitando o infinito dos céus em busca do socorro de Deus.

Se tropeçar e cair, sacuda a poeira e dê a volta por cima, porque tudo isso há de passar. Deus o ama! Ele deseja a sua felicidade.

No entanto, faça a sua parte, estendendo com humildade as suas mãos para o Senhor da Vida ajudá-lo a superar as dificuldades.

E por mais que haja sombra na noite do seu infortúnio, nunca perca a esperança, pois, ao fim da madrugada, surge sempre no horizonte, a claridade da manhã, inundando de luz o alvorecer.

A coragem de viver será sempre a força capaz de tirá-lo da depressão.

Agora, fique sabendo que por mais que alguém queira levantá-lo, você deve recordar que os pés são seus e apenas a você cabe reerguê-los para dar os primeiros passos.

Por último, pense no quanto Deus lhe deu e lhe dá para ser feliz, e quantas bênçãos descem sobre você vindas da Sua Bondade Infinita. Não seja ingrato com Ele.

Enfim, ame, perdoe e confie, pois assim vencerá.

**Crônicas e Artigos**

Nº 408 – 05/04/2015

O Consolador – (Alessandro Viana Vieira de Paula)

**V. Carregar sua cruz.**

**Quem quiser salvar a vida, perdê-la-á**

**Simão, o Cireneu – a crua em nossas vidas**

Lucas, um dos evangelistas, narra que: “E, quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus”. (Lucas, 23:26)

A história de Simão, o cireneu, é bastante conhecida, mas ainda nos traz profundas e valorosas reflexões, e a sua lição mostra-se atual e encontra terreno fértil nos dias vigentes, de tanta indiferença e egoísmo, que têm gerado tristeza e sofrimento à criatura humana.

O Espírito Amélia Rodrigues, na obra “Quando Voltar a Primavera”, psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, esclarece que Simão havia nascido em Cirene, província romana a partir de 67 a.C., e vinha do campo, passando a acompanhar a sinistra procissão que conduzia Jesus à crucificação.

Jesus estava fisicamente fragilizado, por conta da noite de vigília demorada e as agressões que sofrera, e carregava uma cruz de quase setenta quilos, vindo a cambalear.

Simão, que já conhecia Jesus e admirava-o a distância, comove-se com seu sofrimento, vindo a ser escolhido pelo soldado para ajudá-lo com a cruz.

Diz Amélia Rodrigues que o convocado não reage e parece até que se rejubila interiormente. Ele curva-se, oferece o ombro amigo e auxilia Jesus, que lhe dirige um olhar de profundo amor, fazendo-o tremer de emoção desconhecida.

O cireneu testemunha a crucificação e jamais esqueceria Jesus. Mais tarde, busca os discípulos e passa a segui-los.

Simão, na visão de Amélia Rodrigues, torna-se um grande exemplo de solidariedade que o mundo nos solicita até hoje.

De fato, na correria da vida moderna, onde muitos se preocupam com a aparência, exterior, o status social, o “ter” em detrimento do “ser” e os prazeres angustiantes, poucos se dedicam a socorrer aqueles que estão em sofrimento, material ou espiritual.

Há tantos ferimentos da alma e do corpo aguardando que um cireneu apareça em suas vidas, ajudando-os a carregar a própria cruz, seja ofertando algum socorro material, seja cedendo o próprio tempo para ouvi-los, a fim de dar-lhes alguma orientação segura, uma palavra amiga, um acolhimento afetivo e ainda possa inseri-los em suas preces.

No exemplo de Simão, ele se viu compelido a ajudar Jesus e depois converteu-se ao cristianismo.

Assim ocorre com a maioria das pessoas, pois, ao se deparar com os sofredores, terá dificuldades em parar o que está fazendo para ampará-los, pois o amor, por enquanto, não se instalou em definitivo em suas almas.

Muitos se sentirão compelidos a ajudar por conta do ideal religioso que elegeram, que lhes ensina a grandiosidade da caridade, não obstante, em seu mundo interior, o desejo fosse de prosseguir sem socorrer.



## CAPÍTULO XXIV – NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE

Essa experiência faz parte do processo evolutivo, pois, através da lei abençoada da reencarnação, o amor autêntico e espontâneo, um dia, será patrimônio de todos.

O importante é promover o “bom combate”, conforme nos ensina Paulo de Tarso, para que possamos vencer o egoísmo e a indiferença, permitindo-nos o envolvimento pessoal com a dor alheia, até o momento da nossa adesão completa aos preceitos luminosos do Cristo, quando passaremos a socorrer sem questionar ou esperar gratidão, porque entenderemos que o amor é o sentimento por excelência a nos conectar com o Pai Celestial e a nos gerar uma imensa alegria de viver.

Convém registrar, ainda em torno do exemplo de Simão, o cireneu, que o Espírito Emmanuel, no livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, nos traz uma perspectiva diferente, elevada e atual para a lição em questão.

Assevera Emmanuel, no capítulo 140 da citada obra, que: “O mundo ainda é uma Jerusalém enorme, congregando criaturas dos mais variados matizes, mas se te aproximas do Evangelho, com sinceridade e fervor, colocam-te a cruz sobre o coração. Daí em diante, serás compelido às maiores demonstrações de renúncia, raros te observarão o cansaço e a angústia e, não obstante a tua condição de servidor, com os mesmos problemas dos outros, exigir-te-ão espetáculos de humildade e resistência, heroísmo e lealdade ao bem. Sofre e trabalha, de olhos voltados para a Divina Luz. Do alto descerão para o teu espírito as torrentes invisíveis das fontes celestes, e vencerás valorosamente. Por enquanto, a cruz ainda é o sinal dos aprendizes fiéis.”.

À semelhança de Simão, que se aproximou de Jesus e foi compelido a carregar a cruz, aqueles, que também buscam a proximidade com o Evangelho e se esforçam para viver suas seguras diretrizes, terão que carregar a própria cruz.

A cruz será o testemunho diário que confirma a fidelidade a Jesus.

O Espírito Joanna de Ângelis nos ensina que o cristão sem testemunho assemelha-se a solo árido e seco, destinado à morte.

O trabalhador do bem sofrerá calúnias, indiferença, abandono afetivo, desafios familiares e profissionais, doenças etc., que serão suas cruces, mas, se for fiel ao Evangelho, saberá enfrentar com dignidade, convertendo essas experiências em aprendizado, ciente de que o amparo espiritual nunca faltará.

Sofrerá, ainda, a incompreensão alheia por ter elegido uma vida cristã, sem vícios e com prioridade aos compromissos espirituais, não se entregando aos modismos doentios vigentes na sociedade, mas compreenderá e terá compaixão, pois sabe que aquele que o julga ou o menospreza tem uma percepção limitada da vida.

Nos dias difíceis, saberá buscar com mais frequência a prece, haurindo as energias elevadas que procedem do mundo espiritual, e continuará a movimentar-se na caridade, porque ao ajudar o próximo a carregar a cruz, sabe que se fortalecerá, moral e espiritualmente, para suportar a própria cruz.

Deixemo-nos contagiar pelo exemplo de Simão, o cireneu, e não permitamos que o desânimo tome conta de nossas vidas, de forma que a solidariedade seja uma característica marcante em nossas condutas, a fomentar a construção da sociedade regenerada e fraternal do porvir.